

CULTURA

PAPPO DE ÍNDIO

Tereza Maher e Marilda Cavalcanti
(lingüistas aplicadas/UNICAMP e
consultoras da Comissão Pró-Índio/Acre)

O Colorido Atlas Lingüístico Acreano

O Acre é longe, muito longe... E férias deveriam ser tempo de ficar de papo pro ar... Mas nada disto tem a menor importância, porque, a cada janeiro ou julho, nos últimos quatro anos, temos, acompanhadas de nossos gravadores e de nossas roupas mais leves, percorrido quase 4 mil quilômetros para desembarcar em Rio Branco e atuar, como docentes e pesquisadoras, em cursos de formação de professores índios. Tais "sacrifícios" se justificam porque, lingüisticamente falando, o Acre é rico, muito rico... São pelo menos 14 as línguas existentes na área: Kaxinawa, Manchineri, Jaminawa, Katukina, Apurinã, Shawãdawa, Kulina, Kaxarari, Yawanawa, Poyanawa, Ashaninka, Poyanawa, Nukini, Português... Isto sem falar nas inúmeras variedades que emergem, aqui e acolá, tornando ainda mais colorido o atlas

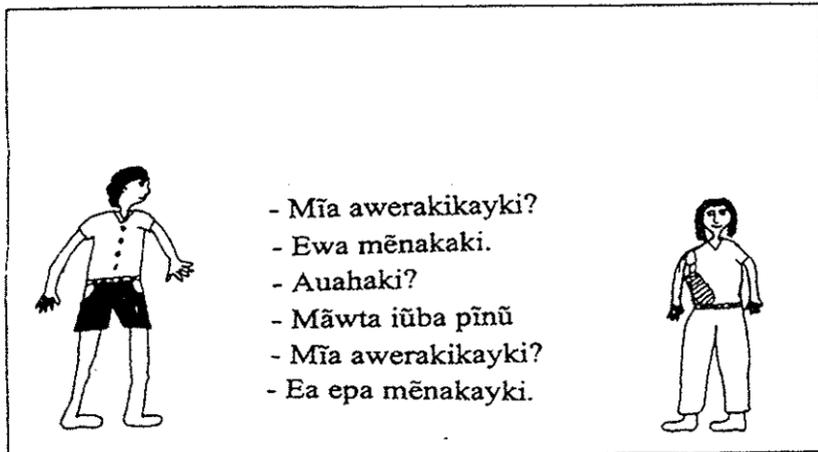
Esses trabalhos de revitalização lingüística são apenas uma batalha num conjunto de lutas

lingüístico acreano: é o Português falado na Floresta que difere do Português da Fronteira que, por sua vez, difere do Português da Capital; é o Kaxinawa falado nas margens do Rio Purus que não é exatamente o mesmo que o Kaxinawa em uso na região do Rio Jordão...

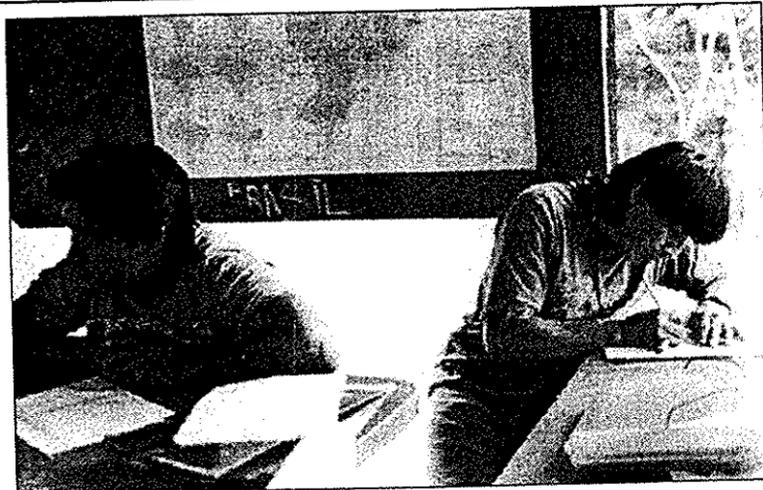
Este Acre, tão plurilíngüe e pluridialeto, e que tanto fascina os estudiosos da linguagem, no entanto está vendo as cores de seu mosaico lingüístico empalidecerem: várias das línguas indígenas citadas vêm passando por um processo de enfraquecimento e, pelo menos 3 delas, estão, praticamente em desuso nas aldeias onde até muito pouco

tempo eram faladas por todos. A questão que se coloca é: por que tal fato vem se dando? Passemos a palavra à Profa. Manaitá (Railda Poyanawa), uma das cinco últimas falantes da língua Poyanawa no município de Mâncio Lima:

Auharãkĩ araveta iuikãdiki eaiwihũta:



Trecho de cartilha na língua Poyanawa, CPI/AC, 1995



Professores indígenas Geraldo Apurinã e Antônio Arara no XV Curso de Formação em julho de 1995

Quem catequisou os índios foi o coronel do barranco, o proprietário fazendeiro que botava os outros no cativeiro... amarrava e açoitava... e pegou e catequisou os índios Poyanawa e amedrontou eles prá não falarem a língua... prá desmoralizar ele botou o nome na língua "gíria". "Gíria" é uma coisa que não vale nada, né? E o povo se habitou a falar só "gíria"... A minha mãe foi a única pessoa que nunca temeu o véio Mâncio, ela falava NA FRENTE DELE! Ela dizia que ele falava "Cumade, deixa dessa conversa... conversa feia!" "Conversa feia coisa nenhuma, eu num conversando porcaria! Conversa feia é conversa uma palavra pesada..." ela falava... "Fia de uma égua, filha da puta, isso aí é que é palavra feia..." Ele levava na risada.

Assim, através do açoite, da ameaça, da intimidação e da depreciação — atos de violência, ora mais, ora menos explícitos, algumas línguas acreanas (e vale lembrar que esta é a situação no resto do Brasil) desapareceram.

Esse perfil não implica fatalmente um futuro sombrio, pois apesar de a situação ser de risco, já existem algumas medidas concretas sendo tomadas. A Comissão Pró-Índio/Ac, por exemplo, tem feito um trabalho continuado e de relevância na questão da revitalização de línguas em vias de desaparecimento tanto através de trabalho lingüístico de descrição como também de apoio para a (re)aprendizagem da língua em seus cursos de formação de professores índios para escolas bilíngües. Tais ações educativas vêm tendo o apoio financeiro da Coordenadoria Ecumênica Serviços (CESE) e da Norwegian Rain Forest Foundation (NRF).

Por exemplo, o Professor Aiwa, morador da Aldeia Km 45, BR 117, Município de Boca do Acre, coordenou o processo de pesquisa e elaboração de Asãgire, o primeiro livro didático produzido na língua Apurinã. Desde 1993, o professor vem utilizando esse material para ensinar a língua de seus ancestrais a seus alunos na escola de sua aldeia.

Assim como Aiwa, o Professor Eutshani, da Aldeia Riozinho Cruzeiro do Vale,

Município de Porto Walter, também está engajado em pesquisas lingüísticas para fins pedagógicos, engajamento esse iniciado durante seus cursos de formação em Rio Branco:

Eu fui uma das pessoas que a primeira vez que vim pra cá no curso eu tive dificuldade de falar alguma palavra na minha tradição, né? Como eu também hoje não sou bem prático ainda — mas com a minha luta... A primeira vez que eu vim para o curso, os outros professores chegavam no quadro e localizavam o nome deles na tradição... Aí eu fiquei pensando: "Bom, meu amigo, eu também sou índio, né? ...e ainda



Amu etamakare sãgire.

- UAIKA IPITA?
- UAIKARA NOTA
- ATA PYNIROÁ?
- UKIPÁTA

Trecho de cartilha na língua Apurinã, CPI/AC, 1993

tenho os meus velhos lá, ... falantes, né?" Bom, então vai ser com eles que eu vou poder conseguir um pouquinho prá poder ensinar para os mais novos... Então, nós tá a m o s na luta, né? Temos fé que um dia nós vamos ... Não vamos aprender tudo que nem os velhos, mas o mínimo ... um pouco prá não perder ... A gente vai conseguir fazer.

O primeiro texto didático em língua Shawãdawa, sob a orientação da Profa. Vera O. Sena, especialmente dedicada à execução desta linha de atuação da CPI/AC, deverá ser publicado ainda este ano.

Esses trabalhos de revitalização lingüística através da formação de professores pesquisadores são apenas uma batalha num conjunto de lutas muito mais amplas pela afirmação das tradições culturais dos povos indígenas acreanos. Nos emociona e nos honra termos a oportunidade de participar nesse processo.